

## O fotógrafo e a construção da imagem

### Ensaio fotográfico de William Costa

Diferentemente das teleobjetivas, múltiplas sensações são possíveis fotografando pessoas com objetivas de curta distância focal (28mm, 50mm). O olhar dirigido a elas obriga ao corpo a corpo, em frações de segundos uma mudança química ocorre. E o que vai acontecer no momento do “clic” foge ao controle do fotógrafo. Esse processo leva a perguntas e descobertas. A construção dessas imagens induz à busca de uma linguagem, e a divagar sobre a imagem de mim mesmo, fotógrafo.

#### *Álbum de família*

Acajatuba, comunidade ribeirinha do Alto Rio Negro, 60km ao norte de Manaus. De longe se avista uma fileira de casas quase geminadas, a igreja, um campo de futebol.

Cheguei à comunidade sob o sol do meio-dia de domingo e aproximei-me das casas que avistara do rio. O cômodo de visitas, as cores, os objetos, sua disposição no espaço; pela janela, vi por dentro, casas da floresta banhadas de sentidos e símbolos urbanos; pensando no seu significado, contemplava as imagens, sem fazer fotografias. Que sentido teria o ato fotográfico naquele momento? Que imagem enigmática era essa que se visualizava pela janela? Caberia a mim decifrá-la ou construí-la? Perguntas, olhares.

De modo quase lúdico, expus aos ribeirinhos meu olhar fotográfico, uma espécie de álbum de família, pela imagem que se projetara através da janela. E assim as fotografias foram acontecendo, impulsionadas por um desejo coletivo. Através da janela, com a câmera no tripé, duas seqüências de “clics”, quatroavos de segundos, e estava registrado o momento: crianças e adultos, poses “autênticas” e ordem

aleatória, em um colorido desprovido de bens materiais; o cotidiano sem maquiagem. E o álbum de família era um fato que se concretizava.

### *Crianças das Águas Amazônicas*

Os maiores rios do mundo e a maior população indígena do país concentram-se no Estado do Amazonas. Percorri esses rios visitando duas comunidades indígenas: *Sateré-Maué*, à margem do *Rio Andirá*, divisa dos Estados do Pará e Amazonas, e *Ticuna*, à margem do *Rio Jutai*, próximo da fronteira entre Peru e Colômbia.

Durante a permanência nas aldeias pude fotografar os instantes em que nos olhávamos ou desviávamos o olhar, percebendo nossas diferenças. As comunidades indígenas aceitaram esse olhar, descomprometido com imagens etnográficas ou antropológicas.

Retratos instantâneos são o resultado dessa convivência em diferentes situações de tempo, cor e luz. Crianças *Ticuna* e *Sateré-Maué* não falam nossa língua, não sonham como a gente. São das Águas Amazônicas.

William Costa\*

---

\* William Costa é fotógrafo desde 1987. Kursou em Paris a Société Française de Photographie, foi fotógrafo da Secretaria de A o Social de Lisboa e fundador do Núcleo de Fotografia de Manaus. Ministrou cursos de fotografia no SENAC e no SESC da capital e do interior do Estado de São Paulo. Participou de diversas exposi es coletivas e individuais, destacando-se o premiado trabalho fotográfico "Tormento", no Centro Cultural São Paulo (1991). Realizou vasto trabalho documental sobre os povos indígenas da Região Amazônica, que resultou na exposi o "Crianças das  guas Amazônicas" (Campinas, SP). Desenvolve projetos sociais e oficinas culturais de fotografia em escolas de ensino fundamental e centros culturais de Campinas e região.



*Rua*, Campinas, 6: 115-124, 2000





*Rua*, Campinas, 6: 115-124, 2000



*Rua, Campinas, 6: 115-124, 2000*













*Rua*, Campinas, 6: 115-124, 2000